

ONGA

CURTAS



Alexandre Paternost e Esther Goes em *A Causa Secreta*, de Sérgio Bianchi

# A CAUSA SECRETA

(Brasil, 1994). De Sérgio Bianchi. Com Renato Borghi, Rodrigo Santiago e José Rubens Chachá.

**P**olêmico por natureza, o paranaense Sérgio Bianchi vem para o Festival de Brasília com *A Causa Secreta*, que foi exibido em Gramado, — onde levou algumas vaias — e em circuito alternativo no Rio e em São Paulo. Era o mais esperado dos filmes brasileiros em Gramado, que esse ano internacionalizou o festival. Bianchi fez uma adaptação livre de conto homônimo de Machado de Assis. Deixa claro logo de saída que é uma obra realizada a partir de suas vivências pessoais, e não faz concessões ao espectador. Esse, por seu lado, não tem escolha: gosta ou repele o filme de Bianchi.

O início promete, com a descrição de um assassinato absurdo que ocorre de maneira banal. O procedimento adotado lembra o clássico *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla: o crime é narrado em off por ninguém menos que Gil Gomes, repórter de crimes do telejornal *Aqui e Agora*. Rodrigo Santiago, um dos personagens, testemunha o crime. Pertence a um grupo de atores que faz pesquisa em ruas e hospitais precários para montar uma peça. A criação artística sai em busca da dura realidade que enfrenta o país.

Os atores do filme de Bianchi não são, como se pode imaginar, pretendentes ao cargo de altruístas. São cínicos em resposta aos desmanzelos e a desordem social. A peça que o grupo pretende fazer, sim, remete a essa temática, mas os envolvidos são indiferentes à dor. Numa das cenas, um integrante do grupo teatral (José Rubens Chachá) humilha pivetes usando como atrativo uma balinha. Parece

haver a intenção de exorcizar a miséria mediante um humor cruel.

Essa agressividade no trato de seus temas chega a superar o limite de seu filme anterior, *Romance*. O sadismo atinge o auge numa cena em que Rodrigo Santiago tortura e mata um rato com fogo. Discutível do ponto de vista do efeito desejado, a cena indigna mais que aquelas em que estão envolvidos seres humanos. “Meu filme é pesado, obsessivo, cruel”, disse na ocasião Sérgio Bianchi. “O que fazer, se o grande público aceita melhor a morte de uma criança na rua que a tortura de um rato?”

O diretor é do tipo que possui muitas idéias e preocupações. Nem sempre sabe, entretanto, aproveitá-las. Kate Lyra, que ajudou Bianchi a redigir o roteiro, diz que no momento de escrever percebeu que sua função seria a de “organizar as idéias caóticas de Bianchi”. Isso significa dizer que ela procurou conter o fluxo explosivo do diretor, que com dez personagens queria tratar de todos os problemas, da Aids à mendicância infantil, passando pelos maus-tratos nos leitos hospitalares. Em uma das cenas, um rapaz grita numa maca, com fratura exposta, enquanto seis outras pessoas discutem sobre a melhor forma de conseguir um analgésico que alivie o sofrimento da vítima.

Kate Lyra, que conheceu o diretor em Nova Iorque, diz que procurou convencê-lo desde o início a ter somente um personagem principal. Na sua opinião, esse papel caberia ao diretor do grupo (Renato Borghi), mas ele resistiu o quanto pôde e se ce-deu foi apenas parcialmente. O diretor, por sua vez, anuncia seu próximo filme para daqui a quatro ou cinco anos, e já anuncia título e temática: *Discussões Vagabundas*, um tratado moral sobre as diferenças étnicas brasileiras.

**O Robô** (1994) — Direção: Bruno de André. Roteiro de Bruno de André, Peter Roloff e Richard Philpott. Com Claus Petersen, Petê Marchetti e Artur Kohl. Fotografia de Peter Roloff.

**Extingue** (1994) — Direção: Eduardo Caron. Com Timóteo Popyguá, Nicolau Tupá Mirim e Carajá Tambirrá. Trilha sonora: Mário Manga.

**O** *Robô*, curta que abre a mostra competitiva em 35 mm, é um espelho das relações amorosas dos dias de hoje. Um roteiro simples e profundo, apresentado pelos realizadores como “uma história de amor que aconteceu na noite passada”. “Você sabia que a geometria pode calcular exatamente a trajetória de um beijo!” — perguntam. E complementam: “Só não consegue explicar a solidão”.

O filme é resultado da associação de três roteiristas e diretores: o brasileiro Bruno de André, o alemão Peter Roloff e o inglês Richard Philpott. Integra o projeto *Filmes Microscópicos*, idealizado pelos três cineastas. No elenco, Petê Marchetti, Claus Petersen e Artur Kohl. A direção é de Bruno de André.

**E** *xtingue*, de Eduardo Caron, o segundo curta do programa, é uma ficção interpretada por índios da tribo Guarani, que explora um certo clima dos filmes de bang-bang. A ficção de Caron é baseada em relatórios de antropólogos da Funai, revelando a desagregação da sociedade indígena provocada pelo contato com os madeireiros, a bebida, os missionários. Mas o filme recusa radicalmente a visão dos índios como vítimas passivas da história. Os índios são cúmplices da história.

Em seu elenco, *Extingue*, tem a participação dos índios Timóteo Popyguá, Nicolau Tupá Mirim e Carajá Tambirrá. Caron é o mesmo diretor de *PR Cadeia* e pertence a uma geração responsável pela renovação do curta-metra-